

E a criadora da filosofia esotérica moderna acrescentou: “Jesus, o Adepto em que nós acreditamos, ensinava as nossas doutrinas orientais, principalmente CARMA e REENCARNAÇÃO. Quando os chamados cristãos tiverem aprendido a ler o Novo Testamento nas entrelinhas, os seus olhos estarão abertos e — eles verão.”

Poucas linhas mais adiante, no mesmo artigo pioneiro publicado em 1889, H.P.B. afirma que está feliz porque vê “um belo vento assoprar sobre o cristianismo” e impulsar o pensamento ocidental “cada vez mais para o Oriente”. [1]

H.P. Blavastky decodificou a mensagem dos Evangelhos mostrando que eles encerram profundos ensinamentos esotéricos, e também que narram, simbolicamente, a caminhada de um discípulo avançado pelo caminho das grandes iniciações. Os Evangelhos não são, portanto, uma narrativa literal da vida de Jesus. Eles constituem, isto sim, uma lenda com muitas lições. Não há registros históricos sobre o Jesus dos Evangelhos. O Jesus real teve uma vida muito diferente do indicado nos Evangelhos e viveu um século antes da Era Cristã. Seu nome é **Jeshu** (ou **Jehoshua**) **ben-Panthera**. Nasceu no ano de 120 antes da era cristã, e foi morto no ano 70 da era cristã, segundo a “Guemará” do Talmude babilônico, em seu tratado sobre o Sabath, 67-104. Considerado um grande adepto por H.P.B., Jeshu ben-Panthera foi iniciado nos mistérios egípcios em Alexandria. [2]

Qual a relação, na realidade, entre o Jesus do Novo Testamento, ou mesmo Jeshu ben-Panthera, e a Igreja de Roma, ou as igrejas protestantes? Não há relação alguma. Nem o Jesus do Novo Testamento, nem o Jesus histórico, Jeshu, fundaram qualquer “igreja” ou adotaram algum ritual.

Toda a montagem teológico-imperial em torno do nome de Jesus ocorreu em uma época muito posterior, como parte de um esquema de poder associado aos restos do império romano decadente. É neste processo que os ensinamentos sobre reencarnação foram arrancados do Novo Testamento, de modo que hoje sobram deles apenas poucos indícios.

Os ensinamentos sobre carma que continuam presentes naquele livro também passaram a ser subestimados. O principal objetivo tem sido estimular a obediência aos sacerdotes e aos rituais. O cristianismo do futuro, porém, saberá resgatar as suas boas origens e perceber a sua irmandade essencial com o que há de melhor nas outras religiões.

NOTAS:

[1] “On Pseudo-Theosophy”, texto publicado em “Theosophical Articles”, H.P. Blavatsky, Theosophy Company, Los Angeles, 1981, vol I, 511 pp. A primeira citação está na página 172. A segunda, na página 175.

[2] “A Word With ‘Zero’ ”, em “Collected Writings of H.P.Blavatsky”, The Theosophical Publishing House, Adyar, Chennai, India, volume IV, pp. 361-362.

00000000000000000000

Que a Mão Esquerda Ignore o Que faz a Mão Direita Um Trabalho Impessoal

“O dever do teosofista é como o do agricultor;
abrir os sulcos e semear os seus grãos da melhor maneira
possível: o resto é com a natureza, e ela é a escrava da Lei.”

Fundada em 1909, a Loja Unida de Teosofistas (LUT) é conhecida por preservar a proposta original do movimento esotérico, libertando-a das imitações. O trabalho teosófico original era realizado sem esperar resultados de curto prazo. Ele também era feito, em grande parte, anonimamente. Assim, até hoje, as principais publicações internacionais da LUT — entre elas as revistas “Theosophy”, dos Estados Unidos, e “The Theosophical Movement”, da Índia, — raramente publicam artigos assinados, exceto os que foram escritos por pensadores clássicos.

Seguramente, a idéia de agir com certo grau de anonimato não pertence aos teosofistas modernos. Este estilo de trabalho é uma característica maçônica e rosa-cruz, mas também está presente nas mais diferentes tradições filosóficas e religiosas do Oriente e Ocidente. O capítulo dois do *Bhagavad Gita* hindu recomenda trabalhar sem esperar frutos. E, no Evangelho segundo Mateus, o Jesus do Novo Testamento ensina:

“Evite exercer a sua justiça diante dos homens, com o fim de ser visto por eles; de outro modo, você não terá mérito junto ao seu Pai celeste”. (Mt. 6: 1)

É importante registrar aqui, de passagem, que a expressão “pai celeste” não se refere, de modo algum, ao deus antropomórfico criado pelos teólogos da Idade Média. A expressão “pai celeste” se refere na verdade ao sétimo princípio de cada indivíduo, *Atma*, a consciência celestial e universal que dá origem e inspira cada nova encarnação de uma alma imortal. *Atma* é o “pai do céu” que tudo observa silenciosamente: é dele que devemos obter aprovação; e a aprovação virá através da voz da nossa própria consciência. A aprovação externa, diante do mundo, pouco ou nada significa.

Jesus afirma:

“Quando, pois, você der esmola, não toque trombeta diante de si, como fazem os hipócritas, nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens. Em verdade eu digo que eles já receberam a recompensa. Porém, você, ao dar a esmola, que a sua mão esquerda ignore o que faz a mão direita, para que sua esmola fique em segredo; e o seu pai, que tudo vê em segredo, recompensará você”(Mt 6: 2-4).

Nos movimentos religiosos e esotéricos, vemos devotos e estudantes presos a um medo de pensar e de trilhar o Caminho por opção própria. Como se fossem membros de rebanhos, eles preferem agir por imitação. Mas Jesus ensina algo muito diferente disso:

“E quando você orar, não seja como os hipócritas; porque gostam de orar em pé nas sinagogas e nos cantos das praças, para serem vistos pelas pessoas. Em verdade eu digo que eles já receberam a recompensa. Você, porém, quando orar, entre no seu quarto e, fechada a porta, ore a seu Pai [*seu eu superior, Atma*], que está em segredo; e seu Pai, que vê em segredo, o recompensará.” (Mt 6: 5-6).

Não basta orar, é claro. O peregrino aprende mais e melhor quando também trabalha ativamente para ajudar o trabalho de expansão da consciência, cujo resultado será libertar a humanidade da ignorância e da superstição. Um mestre de sabedoria mencionou que há um plano dos Mahatmas “para a libertação do pensamento ocidental de credos supersticiosos”, e que este plano passa pelo estímulo à capacidade de pensar por si mesmo, com independência. [1]

O mesmo mestre acrescentou, em outra ocasião:

“O dever do teosofista é como o do agricultor; abrir os sulcos e semear os seus grãos da melhor maneira possível: o resto é com a natureza, e ela é a escrava da Lei.” [2]

NOTAS:

[1] Carta 37, de “Cartas dos Mahatmas Para A. P. Sinnett”, Editora Teosófica, Brasília, volume I, p. 180. O parágrafo menciona D.M. Bennett, um livre-pensador norte-americano que era discípulo leigo embora não tivesse plena consciência do fato. A carta foi escrita por um discípulo avançado, por ditado do Mestre.

[2] “Cartas dos Mahatmas Para A. P. Sinnett”, Carta 11, volume II, pp. 206-207.

00000000000000000000000000000000

Perceber a Unidade de Todas as Coisas Teosofia Como a Ecologia do Universo

A teosofia é, como se sabe, a filosofia universal estudada pelos sábios de todos os tempos. Esta filosofia adquire diferentes roupagens à medida que mudam as formas de organização da experiência humana.

Em todas as épocas, a sabedoria universal foi uma ciência da natureza. Os sábios sempre seguiram as leis da natureza — tanto no plano material como no plano sutil.

Por esse motivo, a teosofia, quando autêntica e livre de imitações, pode ser definida como “a ecologia do universo”. De fato, os dois campos de conhecimento podem ser definidos como “o estudo e a percepção da unidade dinâmica de tudo o que existe.”

Três leis, ou três aspectos da grande Lei universal, permitem compreender o funcionamento da vida infinita no grande ecossistema que é o cosmo.

A primeira é a **lei do carma**, ou lei da ação e da reação. Segundo ela, o que se planta, se colhe; e isso é ensinado pelos sábios de todos os tempos, inclusive o Jesus do Novo Testamento.

A segunda é a **lei da analogia**, pela qual as coisas fluem “assim no céu como na terra”, e assim em grande escala como em pequena escala. A mesma lei ensina que cada ser humano é, em si mesmo, um resumo do universo.

A terceira lei ou o terceiro aspecto da Lei Una é a **lei da reencarnação**, também conhecida como “lei dos ciclos”. Ela afirma que todos os processos de evolução se desenvolvem alternando períodos de manifestação externa e períodos de recolhimento interior. “Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma ou recicla”, diz Lavoisier. “O que foi é o que há de ser (...) não há nada de novo sob o sol”, ensina Eclesiastes, 1: 9.

Estudando o funcionamento destas três leis, o estudante conhece simultaneamente a si mesmo e ao universo.

00000000000

O Sono e os Sonhos

A Consciência Superior do Ser Humano

Robert Crosbie

Há alguma coisa em nós que entra no estado chamado de sonho, no estado chamado de sono, e no estado chamado de morte. Nenhuma compreensão pode ser obtida dos estados a que passamos, e dos quais emergimos, exceto com base na idéia de que existe um Ego, um pensador, um observador, um conhecedor, um experienciador, que ingressa nos estados e emerge deles, e de que este Ego, o verdadeiro ser humano, preserva a sua integridade em todos eles.

Nós somos mais do que qualquer um dos estados em que ingressamos, por mais admiração que possamos ter por algum destes estados. Mesmo se imaginarmos que já alcançamos, ou que podemos alcançar o estado mais elevado de inteligência e ação — aquele que chamamos de divino — somos *nós* que ingressamos nele. Assim, uma compreensão dos estados nos quais ingressamos só pode ser obtida quando reconhecermos que existe um Algo em nós que atravessa todos aqueles estados; devemos, portanto, tentar entender o que é este algo, e começar o esforço exatamente onde nós estamos agora. Não podemos começar de qualquer outro lugar ou posição que não seja aquele em que estivermos no momento.

O que descobrimos, então? Que somos uma *identidade continuada*. Já passamos por muitas mudanças desde o nascimento até agora, mas nossa identidade não mudou, sejam quais foram as mudanças pelas quais ela necessitou passar. Quando temos este fato claramente fixado em nossas mentes, alcançamos o ponto da percepção de que há uma natureza imortal em cada um de nós; de que ela é divina em sua essência, e de que não é sujeita a mudanças, mas imutável.

Entramos no estado de sonho logo que saímos do corpo, antes de passar para o estado de sono sem sonhos; e, antes de acordar, ele é novamente o estado de transição, ao qual nós retornamos antes de reassumir o estado de vigília no corpo. Sabemos que temos todos os *sentidos* durante os sonhos, embora o corpo esteja quieto, e os *órgãos* dos sentidos não estejam sendo usados. Podemos ver e sentir; nós escutamos, falamos e agimos, assim como

fazemos no estado de vigília, mas sem usar os órgãos físicos associados com estas sensações e ações. Isto mostra que estamos conscientes, vivos, que existimos, embora o corpo não perceba coisa alguma. Sabemos, além disso, que a nossa identidade não é perturbada pelo ingresso no estado de sonho; somos nós mesmos, e mais ninguém, que está vivenciando aquele estado.

Sabe-se que o estado de sonho dura muito pouco, se comparado com o estado de vigília. É sabido que podemos vivenciar no sonho o que parece um período muito longo de tempo, embora a experiência não dure mais do que alguns segundos de acordo com o relógio. Há uma parte do descanso de uma noite, de longe aquela parte que é a maior, que só é conhecida por nós, durante o estado de vigília, como “o sono sem sonhos”. Este é apenas o sono do *corpo*. O corpo fica então quase como se tivesse sido inteiramente abandonado. No entanto, o ser deve estar em algum lugar, porque ele existe o tempo todo, e é consciente, tendo a mesma identidade. Se isso não fosse verdade, nós não acordaríamos, ou então, ao acordar, haveria outro ser completamente diferente.

Os psicólogos ocidentais não foram além destas idéias, em relação a sono e sonho.[1] Eles não sabem o que já era sabido eras atrás e ainda é conhecido hoje por alguns; que o Ego, o homem, o pensador, está mais completamente ocupado, e está mais em seu verdadeiro ser, durante o sono sem sonhos do corpo, do que em qualquer outro momento. Por isso já se disse que o dia claro do corpo é a noite da alma, e a noite do corpo é o dia claro da alma. Quando o corpo adormece, o verdadeiro homem fica ativo ao máximo, com o grau maior de inteligência, mas pensando e agindo em um plano diferente dos planos que conhecemos durante a existência comum em estado de vigília.

Nada sabemos sobre o sono, embora digamos que passamos por esta experiência. O que sabemos é que estamos ficando sonolentos — isto é, que o corpo está ficando exausto — mas o sono nunca vem a nós. Estamos acordados durante o dia; estamos conscientes; pensamos. Mas, quando acordados, a nossa capacidade de ver e saber se aplica quase exclusivamente a coisas externas de tipo material, de modo que aquilo que chamamos conhecimento — conhecimento do estado de vigília — é, praticamente, uma aplicação de todas as nossas forças à existência física, e só a ela. Quando dormimos, o que ocorre?

Durante aquele intervalo, sabemos que o corpo está absolutamente sem responder a qualquer coisa externa. Não sabemos nem sentimos qualquer coisa que aconteça a nossos amigos. Podem ocorrer as piores calamidades ao nosso redor, mas nada saberemos sobre elas até que retomemos o controle do corpo. No entanto, devemos estar vivos, conscientes, e com a mesma identidade. Isto coloca as nossas mentes diante da questão de por que, ou como, ao acordar, nada sabemos daquela atividade em planos mais elevados e completamente diferentes, durante o sono profundo do corpo.

Temos dentro de nós, em estado suspenso, mas não esquecido nem inacessível, todo este conhecimento. Ele está registrado e inscrito em nossa natureza imperecível tão verdadeiramente quanto qualquer outro registro pode ser feito — qualquer coisa pela qual tenhamos passado, cada aspecto da experiência, do conhecimento que tenhamos alguma vez adquirido. Quando dormimos — isto é, quando o corpo dorme — nós voltamos àquela fonte de conhecimento que está dentro de nós; mas não “despertamos” pela manhã nem um pouco mais sábios. Como pode ocorrer que, possuindo um tal conhecimento, possuindo os poderes que pertencem ao Espírito imortal, à Inteligência divina, nós não possamos usá-los, e não sejamos sequer conscientes da sua presença em nós?

Há uma lei conhecida como Carma, a lei da ação e da reação, que tem sido enunciada da seguinte maneira: “O que se planta, se colhe.” Nós pensamos e atuamos, enquanto estamos no corpo, de um modo a produzir um instrumento que contradiz a nossa verdadeira natureza. Empregamos o poder da nossa inteligência para avaliar e usar coisas materiais — coisas que pertencem a um nível de existência inferior ao nosso próprio — e assim ficamos envolvidos com tais objetos. O cérebro que usamos responde quase inteiramente a estas idéias inferiores, de modo que, quando retornamos a ele, ao acordar, não há nada no cérebro que possa receber a mais leve impressão ou registro daqueles níveis de consciência pelos quais passamos.

Se somos seres que passam por altos níveis de consciência durante o sono, como poderemos, em algum momento, recuperar o conhecimento deste nosso patrimônio? Se nos dizem que somos naturalmente divinos e não terrestres; que temos um passado imenso; que temos planos de consciência mais altos do que este e capacidade de agir naqueles planos — qual é o efeito disso sobre nós? O que isso nos transmite? O que isso desperta em nós? Isso não nos faz olhar a vida de um ponto de vista diferente daquele que estamos, até agora, acostumados a adotar?

Tudo o que fazemos na vida e cada resultado que colhemos é governado por alguma atitude mental que adotamos diante da vida. Se alguém é ateu, digamos, ou materialista, e pensa que a vida começou com este corpo e vai terminar com ele, todos os seus pensamentos e ações estarão sobre esta base. Mas se o indivíduo troca esta idéia pela premissa de que ele é imortal em sua natureza essencial, então este fato começa, por si mesmo, a prococar uma *transformação*.

O importante não é o que vivemos, mas o que aprendemos com a vida. O que devemos desejar é conhecimento, e não conforto ou posição social. Nós desejamos conhecer porque, ao ter conhecimento, percebemos a coisa certa a fazer e os pensamentos corretos a alimentar. Já que pensamos o tempo todo, estamos tendo sempre pensamentos bons, maus ou indiferentes; e nossas ações são boas, más ou indiferentes — conforme nossos pensamentos. Se começamos a pensar corretamente, damos uma direção àquela Força Espiritual que é a própria essência da nossa natureza. Se um homem pensar corretamente, se pensar e agir sem egoísmo, ele seguramente abrirá circuitos em seu cérebro que levarão a uma percepção e uma compreensão cada vez maiores da sua própria natureza. Quando alcançar determinado ponto, ele será capaz de perceber que, seja qual for o estado da sua consciência — em vigília, sonhando ou em sono sem sonhos, e ainda que o corpo tenha passado para o estado chamado de morte — não há cessação para ele.

Supondo que sejamos capazes de passar do estado de vigília para o sonho; do sonho para o sono; do sono para a morte; e da morte para o renascimento em outro corpo — e que passemos por todos estes estágios e mudanças sem uma só perda de memória, de modo que possamos não só manter uma memória intacta ao ir de estados inferiores para superiores, mas também trazê-la conosco ao vir de estados superiores para inferiores, ao longo de cada plano, e trazendo o conhecimento neste ou em outro corpo — o que seríamos nós? Seríamos, neste caso, exatamente o que somos. Saberíamos a relação que existe entre este plano e todos os outros. Poderíamos ler os corações das pessoas. Poderíamos ajudá-las a adotar um ponto de apoio mais elevado. Não seríamos mais iludidos pelas idéias que motivam a maior parte das pessoas. Não lutaríamos mais por destaque ou posições sociais. Lutaríamos apenas por conhecimento, e por todo tipo de condições que nos permitissem ser mais capazes de ajudar e ensinar aos outros. Quer estivéssemos em um corpo ou fora dele, nós estaríamos junto à *Divindade* o tempo todo.

É para despertar os seres humanos para uma compreensão da sua própria natureza e para o uso correto dos seus poderes que a Teosofia foi trazida novamente até eles, como foi feito em uma época após a outra, por Aqueles que são maiores do que nós — Aqueles que passaram pelos mesmos estágios em que estamos agora — nossos Irmãos Mais Velhos, os Cristos de todos os tempos, as Encarnações Divinas. São eles que vêm para lembrar-nos das nossas próprias naturezas; e para despertar-nos para a ação, de modo que o que realmente somos possa ser conhecido e expressado por nós aqui, neste plano físico mais inferior, no qual estamos realizando nosso destino — um destino feito por nós mesmos, um destino que só pode ser mudado por nós, pelo próprio poder daquele Espírito que nós somos.

Ninguém pode saber coisa alguma através de outra pessoa. Cada um tem que saber por si mesmo. Cada um deve fazer o seu próprio aprendizado. O objetivo da Teosofia é ensinar e mostrar ao ser humano o que ele é, e apresentar a ele a necessidade de que conheça a si mesmo. Nenhuma salvação vicária, nenhuma transmissão indireta de conhecimento é possível. Mas pode ser indicado o rumo em que se encontra o conhecimento; os passos que nos levarão naquela direção podem ser mostrados; e isso só pode ser feito por quem já trilhou o caminho antes. É exatamente essa tarefa que está sendo feita. Este tem sido o procedimento de todos os salvadores da humanidade. É a doutrina de Krishna, de Buddha, de Jesus, e também a doutrina de H. P. Blavatsky. Os dois ensinamentos que o Ocidente necessita mais urgentemente são os do Carma e da Reencarnação, isto é, as doutrinas da esperança e da responsabilidade. Carma, a doutrina da responsabilidade, significa que tudo o que o homem plantar, colherá. Reencarnação, a doutrina da esperança, significa que, seja o que for que ele esteja colhendo agora, nunca haverá um tempo em que ele não possa plantar as sementes de algo melhor. O próprio fato de sofrer é uma bênção. O Carma e a Reencarnação nos mostram que o sofrimento é provocado por pensamentos e ações errados. Através da dor, podemos chegar a uma compreensão de que estávamos em um rumo equivocado. Aprendemos através do nosso sofrimento.

A vida é uma grande escola que ensina a Ser, e já chegamos a aquele estágio em que é a hora de compreender o propósito da existência; de assumir firmemente o comando do nosso ser. É hora de usar todos os meios que estão à nossa disposição, nas diferentes dimensões — vigília, sonho, sono sem sonhos ou qualquer outro estado — para colocar toda a nossa vida em harmonia, de modo que o nosso instrumento inferior possa estar “alinhado”, e assim seja, cada vez mais, um reflexo da nossa natureza interiormente divina.

[O texto acima foi traduzido do livro “The Friendly Philosopher”, Robert Crosbie, Theosophy Co., 1945, 416 pp., ver pp. 258-263. Título original: “Sleep and Dreams”.]

NOTA:

[1] Este texto foi escrito por Robert Crosbie entre 1909 e 1919. (N. do T.).

Uma Explosão Súbita.

Falando do estudante da filosofia universal, Paul Brunton escreveu: “[No] momento do primeiro encontro com o Eu Superior, a busca abre-se para ele em realidade. Ele tem que perceber a oportunidade e dar o primeiro passo por um ato de intuição e uma aventura de fé. Haverá muitos outros passos sucessivos, se ele continuar a busca e, mais provavelmente, muitos passos em falso, mas tudo começa com este reconhecimento e esta reação iniciais. (...)

Quando a verdade explode de repente como uma detonação de dinamite sob as tradições, crenças ou hábitos que o mantinham prisioneiro na inverdade, a luz pode ofuscá-lo e confundí-lo, ou pode libertá-lo de tudo isso de uma maneira e com uma velocidade que comumente não existem. [Do livro “A Busca”, de Paul Brunton, Ed. Pensamento, 332 pp., p. 77.]

Teosofia Original: Onze Aforismos da Tradição Judaica

Há inúmeros milênios, a sabedoria eterna é gravada em frases e pensamentos curtos, freqüentemente memorizados e passados de geração em geração por tradição oral, e não só por documentos escritos. Estes fragmentos trazem em poucas palavras a sabedoria das idades, e produzem paz interior naquele que medita com calma sobre eles. É neste contexto que reproduzimos — acrescentando breves comentários entre parênteses — uma pequena seleção de aforismos clássicos dos antigos rabinos Maimônides e Tibban [1].

- 1) **Nunca morre aquele que vive pela sabedoria.** (É imortal aquela parte do ser humano que vivencia o conhecimento eterno.)
- 2) **O coração é o tesouro oculto do ser humano.** (Está no coração o único templo verdadeiro.)
- 3) **A sabedoria é uma árvore que cresce no coração.** (E esta árvore deve crescer até que, como é da sua natureza, dê frutos sem nada esperar em troca.)
- 4) **Reduzir o alimento prejudicial é melhor do que comer alimentos que fazem bem.** (Este princípio vale tanto para os alimentos físicos como para os alimentos emocionais e mentais.)
- 5) **Se você não pode obter o que deseja, fique satisfeito com aquilo que não precisa desejar.** (Uma vida simples elimina as fontes de preocupação e sofrimento.)
- 6) **Não há riqueza comparável ao contentamento.** (A felicidade está em nada desejar pessoalmente.)
- 7) **Um herói só se mostra em época de desgraças.** (É diante das dificuldades que se revela o verdadeiro caráter de alguém.)
- 8) **O caminho para o Éden é difícil, mas os caminhos para Tope (o inferno) são fáceis.** (Muitas vezes o que é bom não é agradável e, freqüentemente, o que é agradável não é bom.)
- 9) **Nenhuma crítica surtirá efeito sobre aquele que não critica a si mesmo.** (Sábio é aquele que aprende com seus erros.)
- 10) **Não é correto que um homem lamente o que perdeu. Ao invés disso, deve cuidar bem daquilo que ainda permanece com ele.** (O desapego, a perseverança e a responsabilidade são três princípios básicos para levar uma vida correta.)

A campanha de cartas abertas para Adyar não espera resultados de curto prazo. No entanto, os seus organizadores consideram que ela é um instrumento útil para o movimento, porque demonstra de modo prático pelo menos quatro fatos concretos:

- 1) Que a ação necessária para melhorar o movimento esotérico como um todo pode ser feita de modo democrático, com base na ação livre de estudantes independentes;
- 2) Que esta ação deve ser feita com paciência e a longo prazo;
- 3) Que um diálogo difícil e limitado é melhor que nenhum diálogo;
- 4) Que os líderes de instituições públicas (inclusive sociedades teosóficas) devem prestar contas por suas ações e políticas públicas, inclusive as dos seus antecessores.

O futuro do movimento talvez dependa, portanto, mais da ação prática de teosofistas atentos e ativos do que dos seus líderes nominais.

Cada carta em defesa de William Q. Judge é aberta e pode ser amplamente divulgada, de modo que o resgate do nome e da obra deste pensador ocorra de modo independente, enquanto a Sociedade de Adyar não agir. Recomenda-se escrever com data de 13 de abril, mas isso não exclui outras datas. Mais informações podem ser obtidas escrevendo para realso.sc@pop.com.br ou lutbr@yahoo.com.br.

NOTA:

[1] Três destes livros são: 1) *The Judge Case*, de Ernest Pelletier (publicado pela Sociedade Teosófica de Edmonton, Canadá, em junho de 2004; 2) *The Theosophical Movement, 1875-1925*, escrito por associados da Loja Unida de Teosofistas e publicado por E.P. Dutton & Co., N.Y., EUA, 1925, 705 pp. ; e 3) *The Theosophical Movement, 1875-1950*, também escrito por associados da Loja Unida de Teosofistas, e publicado por The Cunningham Press, Los Angeles, CA, EUA, 1951, 351 pp.

000000000000

Uma Ação Construtiva de Longo Prazo O Começo da Transição e do Renascimento

Em fevereiro de 2004, as revistas “The Observer”, na Grã-Bretanha, “Fortune”, nos Estados Unidos e “CartaCapital”, no Brasil, revelaram as idéias principais de um Relatório Secreto do Pentágono ao presidente George Bush.

Certo ou errado, o relatório previa que um caos ambiental, econômico e militar se instalaria no mundo todo, entre 2007 e 2020. Entre as possibilidades mencionadas estavam padrões climáticos cada vez mais irregulares e prejudiciais, crises e disputas armadas pelos recursos hídricos, guerras por acesso a outros recursos naturais, inundação de áreas costeiras, colapso agrícola devido a desordens ambientais, e proliferação nuclear.

